

pi- Jasiner Graciela
SEXO E MORTE

“... deve-se fazer um esforço para não acreditar que se é imortal”
J. Lacan Abertura da Seção Clínica
5 de janeiro de 1977

Temas de época e aqueles relacionados à estrutura do parlettre nos convocam do real de nossa prática clínica. A troca entre psicanalistas e com a comunidade em geral sobre essas questões requer uma abordagem delicada.

A subjetividade do tempo, em sua dimensão algorítmica e virtual, uma tecnociência que ultrapassou o limiar com a capacidade incipiente da inteligência artificial, tende a criar comunidades de iguais como a outra face de um individualismo egoico, anunciando o problema no horizonte da segregação.

O que dizem os analistas sobre isso?

Hoje parece alimentar-se uma ideia de eternidade em que a condição de finitude é particularmente proibida e a morte reduzida de necessária a contingente. Acabamos de sair de uma Pandemia que nos confrontou com a presença insistente do sinistro e da morte numa consciência da finitude cotidiana e insuportável. Quais são os efeitos subjetivos para cada um de ter enfrentado, de uma forma ou de outra, a perda narcísica da ilusão da imortalidade?

Freud em Sobre a guerra e a morte (1915) diz que ninguém acredita na própria morte e que há uma tendência inequívoca de colocá-la de lado, de eliminá-la da vida.

Em A Interpretação dos Sonhos, fala do umbigo dos sonhos, uma viagem que termina no escuro, na rede enigmática e emaranhada, um tecido espesso de onde então surge o desejo como o fungo do seu micélio.

E justamente no dito umbigo do sonho, e no ponto intransponível onde param as associações do paciente, habitam o sexo e a morte..

Em “Alem do principio do prazer” a uniao sexual .indica o inmortal do plasma germinal e o mortal do soma. Uma dimensao do sexo e morte que refere a necessaria norte na reproducao sexuada. Um ser vivo nasce, se reproduz e morre

Nesse sentido, falar de sexo não é o mesmo que referir-se a gênero..

Tanto para Freud quanto para Lacan, a presença do sexo no vivente, a dimensão biológica da união sexual sinaliza a morte necessária da espécie, o real da natureza biológica do sexo informa o vivente de sua finitude.

Como o atual desenvolvimento das técnicas de reprodução afeta essa equação?

Pergunta difícil dada a radical novidade da ciência, que pode reproduzir a espécie por meio da clonagem sem passar por relações sexuais.

Existem questões e questões tão difíceis de filtrar quanto necessárias. O problema é quando as reflexões se tornam políticas e ideológicas e há termos que são banalizados em seu uso e em sua aprovação.

O que você faz com uma criança que diz preferir ter outro sexo? Qual é o destino dessas fantasias sexuais infantis freudianas em nosso atual universo de urgência e ação? Orientação sexual, direitos do sujeito? A livre determinação do sexo toca no individualismo de nossos dias, trata-se de diferenças sexuais ou de diferentes posições diante da função fálica? O nome do pai e a função fálica permanecerão vigentes? ¿Como os analistas pensam a questão do “abuso” como significante que habita a consulta cotidiana? Existe algum discurso hegemônico que privilegia a posição de vítima? ¿Quais seriam as incidências para o parlêtre de uma desconstrução compulsiva? ¿Os movimentos identitários abrigam as sementes da segregação? Acrescentaria uma pergunta a respeito da ideia que propus no início: falar de sexo não está inscrito em uma subjetividade que escapa ao conhecimento da morte?

Com uma abordagem desconstrutivista, linguística e cultural, Judith Butler busca desvincular o gênero do físico e do biológico. Com o significante gênero e as chamadas identidades de gênero, questiona a noção de sexo como existência pré-discursiva, Tomando a noção de performatividade de J. Austin, ele argumenta que o gênero é performativo, ou seja, que não depende do biológico, inscrevendo-se na

tradição nietzschiana segundo a qual não há ser por trás do fazer. Propõe desarmar a estabilidade binária do sexo que estabelecerá uma heterossexualidade forçada.

Para qualquer diálogo possível sobre essas questões para além de uma ecolalia algorítmica em que nos repetimos e preferimos falar com os iguais e ler para quem pensa como nós, seria conveniente ajustar alguns conceitos

Resituar alguns conceitos na psicanálise não seria sem consequências na direção da cura nem na análise ampliada.

SEXO, SEXUALIDADE E SEXUAÇÃO

Sexo refere-se ao corpo biológico e anatômico, às características sexuais secundárias, ao genótipo e fenótipo, e à divisão sexual, que assegura a manutenção da espécie.

A sexualidade se distancia do biológico. não coincide com sexo ou genitalidade. Indica nós desse real atado com o imaginário e o simbólico. Sexualidade perversa e

polimorfa das pulsões parciais, variantes do objeto e modos de gozo de cada pessoa.

A Sexuação em Lacan sabemos que a bipartição entre quem se diz homem ou quem se diz mulher não é anatômica, nem natural, nem divina, senão um efeito do discurso, que articula a posição sexual do locutor com o gozo e com uma assunção subjetiva de sexo e depende do significante fálico e da relação com esse significante,

Além do biológico, da anatomia, e de qualquer aposta pela percepção qualquer um pode estar de um lado ou de outro. Dizer que se é homem ou mulher não se refere a um genoma ou a uma identidade, mas à relação com o Outro. além do biológico e de qualquer compromisso com a percepção. As famosas fórmulas de sexuação indicam de que lado cada um fica em relação ao falo, como goza e não quem é.

IDENTIDADE

Valorizando a dignidade da luta pelos direitos das mulheres e dos direitos conquistados graças à sua luta política por trans, travestis e homossexuais, em que a perspectiva de gênero permite desnaturar as diversas formas de violência contra a mulher, é importante lembrar que ela implica a questão da identidade.

Identidade refere-se a uma suposta unidade do eu. Em L'Insu lemos que a identidade é a cristalização das identificações.

O princípio de identidade alude à fórmula $a=a$, questão problemática desde o sujeito, em sua discórdia neurótica, nunca é igual a si mesmo e a identidade pode tentar velar esse desencontro por trás de um eu forte.

Em certas ocasiões, intervenções cirúrgicas para mudança de sexo ou tratamentos hormonais podem ser o prolegômeno de uma crise que, na solidão de uma pausa, desestabiliza o paciente, justamente nos rasgos de identidade.

O FALO NAO E O ORGANO

Numa psicanálise que se vale dos ensinamentos de Lacan, o falo não é um penis, nem o nome do pai é um masculino patriarcal que necessariamente abusa de seu poder, senão se trata-se de formalizações conceituais.

Um significante articulado a função fálica, O falo não é o órgão masculino senão o significante de uma falta,. Em matemática, aprendemos que todo conjunto inclui o conjunto vazio, ou seja, não existe um conjunto universal.

Muito cedo Lacan resgata a noção do falo do uso pós freudiano na sua função imaginária e eleva-o à categoria de significante articulando-o à função fálica

É em torno da função fálica que se ordenarão os campos do gozo e da sexualidade.

O estatuto do sujeito reside na divisão e na opacidade que a identidade procura velar, em tempos como o presente, com tanto ímpeto de desconstrução, trabalhar com doentes graves, difíceis, possivelmente psicóticos, exige ter consciência de que qualquer um precisa desse imaginário e dimensão unificadora: uma identidade. E que sua ausência, aliada a um desmoronamento do imaginário, pode deixar o paciente imerso no inferno de um surto psicótico. O real da clínica exige de nós, analistas, uma leitura delicada que não se deixe prender em baluartes ideológicos ou epocais. Por exemplo, que efeitos uma intervenção cirúrgica ou um tratamento hormonal podem produzir em cada estrutura, desde que afetem essa dimensão da identidade?

Manter a subjetividade da época no horizonte e interrogá-la para conhecer a espiral para a qual esse tempo nos arrasta é também uma dimensão ética da nossa prática.